

CARACTERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO TARDOMEDIEVAL NA RUA DA PRATA 221-231 E RUA DOS CORREIROS 158-168, LISBOA

Filipe Oliveira¹, João Miguez², Catarina Furtado³, Cláudia Costa⁴

RESUMO

No decorrer da intervenção arqueológica realizada no edifício da Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correiros 158-168, nos anos de 2015 e 2016, foram exumados diversos contextos associados com a larga diacronia ocupacional desta zona da cidade. Daqui destacam-se as evidências do urbanismo seiscentista e setecentista, e os vestígios materiais das actividades e indústrias que permeavam esta área de Lisboa dos séculos XIV e XV. Procura-se apresentar este sítio como um caso de estudo da evolução urbanística da cidade de Lisboa dos finais da medievalidade até à actualidade. Considera-se que a informação extraída dos vestígios cerâmicos, estruturais e faunísticos contribui para a melhor compreensão dos modos de vida socioeconómicos existentes na área actualmente compreendida entre as Ruas da Prata e dos Correiros.

Palavras-chave: Séculos XIV e XV, Tardomedieval, Evolução urbanística, Cerâmica, Fauna, Lisboa.

ABSTRACT

During archaeological excavations at Rua da Prata 221-231 and Rua dos Correiros 158-168, in Lisbon, in the years of 2015 and 2016, a diverse set of contexts were unearthed closely associated with the long occupational lifespan of this area of the city. We aim to highlight the remains of urbanism from 16th and 17th centuries and the assemblages of pottery and fauna related to the daily activities and shops that spread over this area during the 14th and 15th centuries. As such, we present a case study for the evolution of Lisbon's urbanism from late Medieval to late Modern age. We consider that the information extracted from the pottery sherds, faunal remains and architectural remains might contribute to a better understanding of the history and development of this area of the city.

Keywords: 14th and 15th centuries, Late-medieval, Urban evolution, Pottery, Faunal remains, Lisbon.

1. INTRODUÇÃO

No interior de dois edifícios contíguos, na Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correiros 48-58, decorreu entre os anos de 2015 e 2016 uma intervenção arqueológica conduzida por uma equipa da Era Arqueologia, SA dirigida por Filipe Oliveira e João Miguez. O espaço, localizado na Baixa Pombalina, encontra-se

hoje ocupado por um edifício de traça oitocentista, de 3 pisos, rés-do-chão e águas furtadas que, no lote referente à rua da Prata, apresenta um piso subterrâneo, uma das várias caves executadas nesta área da cidade durante os anos 70/80's. A intervenção arqueológica que aqui apresentamos correspondeu a trabalhos de diagnóstico desenvolvidos no decurso de obras de transformação do edificado num conjunto hoteleiro,

1. CHAM – FCSH – UNL; Era – Arqueologia, SA; filipe.alexandre.so@gmail.com

2. Era – Arqueologia, SA; joao.miguez@gmail.com

3. Era – Arqueologia, SA; ciscafurtado@hotmail.com

4. ICArEHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behavior, Universidade do Algarve; cmcosta@ualg.pt

tendo os trabalhos daqui decorrentes dado resposta às necessidades do respectivo projecto.

O objectivo dos autores deste artigo é acrescentar ao conhecimento da evolução da malha urbana da Baixa lisboeta pré-terramoto e oferecer um conjunto de dados relativos às práticas industriais e de descarte de lixos de Lisboa na transição do período Medieval para o Moderno (séc.XIV-XV).

2. BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA BAIXA POMBALINA DA IDADE MÉDIA À MODERNIDADE

Os estudos acerca da evolução histórico-urbanística da Baixa de Lisboa têm uma longa tradição fruto do forte interesse que inúmeros olisipógrafos e historiadores apresentaram por esta área da cidade (Castilho; Silva; Swartz ...), aos quais, mais recentemente, se juntaram os contributos da arqueologia, aportando dados sobre períodos e contextos em que a historiografia se apresentava omissa (i.e. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), Mandarim Chinês).

Embora os primeiros indícios de desenvolvimento construtivo nesta área remontem ainda ao período romano (NARC), foi já nos séculos XI-XII d.C. que um processo de urbanização constante se materializou, aproveitando o contínuo assoreamento do esteiro (fig.1) do Tejo (Silva, 1987, p. 24-25). Observou-se a expansão da área habitada para ocidente do perímetro da Cerca Moura formando aquilo que é hoje conhecido como o Bairro Islâmico da Praça da Figueira (Silva, 2013) e que certamente se desenvolveria para Sul, ao longo da Rua dos Correeiros (Filipe, 2012), e para Oeste com os fornos do Mandarim Chinês (Bugalhão, 2004). O processo prossegue após a conquista da cidade em 1147, apresentando a área densidade populacional suficiente para a definição de várias freguesias (Silva, 1987, p. 29), com sede nas igrejas da Madalena (1164), Santa Justa (1174) e São Nicolau (c. 1200), culminando na necessidade de D. Fernando I de, em 1373, mandar levantar uma nova cerca para defender o novo espaço, o qual correspondia a mais do dobro da área defendida pela Cerca Moura (Silva, 1987b) (Figura 1).

No reinado de D. Manuel, a cidade apresenta algumas metamorfoses como a definição da Rua Nova dos Mercadores e desenvolvimento de toda a frente ribeirinha, a criação do Bairro Alto (Carita, 1994, pp. 16-18), o que demonstra que a antiga malha ur-

bana já não conseguia conter a crescente população lisboeta (Moita, 1994, p. 141). É também desta altura que data a extinção das Judiarias, e em particular da Judiaria Grande, o que leva à incorporação dos seus quarteirões na restante trama da cidade.

As alterações seguintes observadas na Baixa reflectem as mutações inerentes a uma malha urbana orgânica, com modificações de quarteirões e arruamentos, quer por iniciativa privada como estatal/municipal, e que foram cristalizadas na planta da cidade de Tinoco (1650) (Figura 2). Foi o terramoto de 1755 e a reconstrução sequente que maior impacto tiveram na Baixa, promovendo o total abandono do traçado orgânico em prol de uma disposição ortogonal. Daqui resultam muitas das características ainda hoje presentes e tendencialmente atribuídas à Baixa Lisboeta como os seus largos arruamentos e o traçado homogéneo dos seus quarteirões (Figura 2).

3. O CONTEXTO DA RUA DA PRATA

Os contextos identificados na intervenção arqueológica da Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correeiros 48-58 reflectem a evolução deste espaço do século XIV ao XIX. Arquitecturalmente os actuais edifícios apresentavam ainda muitas das características da construção pombalina, comportando quatro pisos, o primeiro, «o piso nobre», com janelas sacadas em continuidade, os segundo e terceiro de rendimento, com janelas «de peitoril», o quarto, de águas furtadas em colocação irregular e um rés-do-chão de lojas para o comércio local (França, 1989, p. 40). O rés-do-chão, ainda ocupado por actividade lojista, mostrava, sob um piso em azulejo hidráulico, o patamar de circulação original em lajes rectangulares de pedra calcária, quase totalmente preservado. O levantamento deste lajeado e da argamassa usada no seu assentamento expôs uma sequência estratigráfica com cerca de 1.30 m de profundidade, formada por um conjunto de depósitos areno-argilosos, com muitas inclusões de argamassas, fragmentos de cerâmica de construção, e porções de recipientes cerâmicos e lixos de cariz doméstico (cinzas, restos de faunas, etc). Estas correspondem aos aterros executados durante o processo de reconstrução oitocentista com o objectivo de subir a cota geral de ocupação da Baixa (França, 1989, p. 50).

Com a remoção destes níveis, relativos à reconstrução oitocentista, foi exposto um conjunto de estruturas: um piso em calçada e seis muros e respec-

tivos alicerces, referentes à ocupação pré-terramoto deste quarteirão (Figura 3). A realidade observada caracterizava-se por uma trama formada por três muros orientados a E/O e outros 3 de orientação N/S, tendencialmente perpendiculares entre si. Foi possível inferir dois momentos construtivos neste conjunto; o mais antigo correspondendo ao muro [614/615], o qual foi parcialmente desmontado aquando da construção da fase seguinte representada pelas estruturas [618]/[617], [616], [630], [637] e [632], e a calçada [627] – (Figura 3), (Figura 4) e (Figura 5).

Observam-se assim evidências dos processos de mutação e alteração da malha urbana que marcavam a Lisboa pré-terramoto, onde espaços pré-existent são seccionados e compartimentados consoante as novas necessidades dos seus ocupantes.

O desmonte das estruturas relativas à ocupação pré-terramoto permitiu recuperar vários fragmentos cerâmicos presentes nas argamassas usadas na sua construção, o que nos permitiu atribuir uma datação *post-quem* para a sua edificação. Sob este conjunto de estruturas foi identificada uma sequência de estratos argilosos (Figura.6), muito homogêneos e de coloração castanha-esverdeada. A sua composição e morfologia parecia indicar um processo deposicional lento e em contexto húmido, semelhante ao observado em áreas de aluvião. Eram níveis bastante antropizados tendo sido recuperados inúmeras porções de recipientes cerâmicos, e uma quantidade razoável de vestígios de arqueofauna (Figura 6).

4. A CULTURA MATERIAL CERÂMICA E FAUNA

O conjunto das cerâmicas recolhidas neste contexto (Figura 4) é composto por inúmeros exemplares, distribuídos por 3 fases ocupacionais distintas: a construção pombalina, com o Grupo I, formado pelas faianças e o Grupo II pelas produções de cerâmica comum; a ocupação moderna, com os fabricos hispanos importados Grupo III e IV; e os níveis baixo medievais com as importações norte-europeias Grupo V e VI, hispanas Grupo VII, fabricos locais Grupo VIII e faunas Grupo IX.

Grupo I) Faiança

As produções de faiança portuguesa apresentam pastas de cor amarela pálida (5YR 6/8), algo granulosa e compacta, com elementos quatzosos distribu-

ídos e raros elementos ferro-magnesianos. O vidro é de cor branca, brilhante e espesso, recobrendo a totalidade da peça. Tipologicamente o conjunto é marcado sobretudo por formas abertas, como pratos covos e covilhetes, tendo apenas sido identificado um exemplar de jarro. Neste conjunto dominam os indivíduos de superfícies não decoradas, nomeadamente os pratos e a maioria dos covilhetes (Figura 4 – 1, 2 e 3), sendo aqueles que se mostram decorados apresentam temáticas decorativas típicas de finais da primeira metade do século XVIII (Casimiro, 2013: 363-364), como covilhetes decorados com motivos de contas a azul e vinhoso.

Grupo II) Cerâmica comum e vidrada

As produções locais mostram pastas de cor castanha-avermelhada (5YR 4/4 ou 7.5YR 8/4), granulosa e compacta, de fracturação irregular, apresentando inclusões de elementos quatzosos leitosos e hilia-nos junto com ferromagnesianos bem distribuídos. As tipologias dominantes correspondem a peças de cozinha, sendo as formas mais comuns as painéis de corpo globular algo achatado e os tachos de perfil subtrocónico acompanhados de testos discóides com pega central. Junto destas foram recuperados alguns exemplares de alguidares troncocónicos, cujo anverso era revestido com um fino e opaco vidro de cor amarela alaranjada, e alguns bacios tipo «de cartola», assim definidos pelo seu perfil cilíndrico e aba larga aplanada e fundo plano. A similitude das pastas observadas neste conjunto parece apontar para uma mesma proveniência, talvez das várias olarias que nesta fase polvilhavam as colinas de Anjos e Arroios (Sebastian, 2009, pp. 210-211) e as quais, pela sua proximidade, abasteceriam mais facilmente as necessidades dos habitantes da cidade.

Grupo III) Importações hispanas esmaltadas

As produções sevilhanas mostram pastas de cor amarela pálida (10YR 8/4), com textura granulosa marcada por fendas, mostra inclusões de elementos quatzosos hialinos e leitosos e ferro-magnesianos bem distribuídos. As superfícies são revestidas com um esmalte de estanho fino, baço, de cor azul, e sobre o qual foi reproduzida uma decoração *beretina* em tom azul-escuro. Os exemplares identificados (Figura 4 – 7, 8, 9 e 10) correspondem a formas abertas, os pratos de pequena dimensão comuns às oficinas sevilhanas, e produzidos desde de finais do XVI e inícios do século XVII (Gutiérrez, 2000, p. 51).

As produções valencianas mostram pasta de cor laranja pálida (5YR 7/6), compacta, com muitos grãos de cerâmica moída, elementos ferromagnesianos e pequenos quartzos hialinos e leitosos de pequena e média dimensão, bem distribuídos. As superfícies exteriores mostram revestimento em vidrado de estanho, espesso mas pouco brilhante, com pintura a traço espesso de cor azul de temática decorativa geométrica. O único exemplar (Figura 4 – 5) corresponde a uma forma aberta, possivelmente uma taça de pé anelar, uma tipologia comum às olarias existentes no termo de Valência (Ibidem, p. 32) durante os finais do século XVI.

Grupo IV) Reflexos metálicos de Valência

Com pastas similares às observadas nas peças de superfícies esmaltadas de Valência foram recuperados alguns fragmentos apresentando as superfícies revestidas com um esmalte espesso, mas baço, de cor branca. Sobre o seu colo foi aplicada uma decoração reticulada em tom de azul claro e produzida num traço espesso. Nos espaços entre o reticulado e em bandas verticais que intercalam esta decoração, observam-se motivos arabizantes ou espiralados produzidos com técnica de reflexo metálico acobreado e dourado.

O reverso do fragmento apresenta-se apenas revestido a esmalte, mostrando apenas raras pingas de reflexo metálico derivados do processo de decoração do exterior. O recipiente em questão (Figura 4 – 6) corresponde a um pote de gargalo alto, uma tipologia comum às oficinas valencianas, nomeadamente as de Muel, na segunda metade do século XVI (Ibidem, p. 69).

Grupo V) Saintonge

As produções de Saintonge caracterizam-se por pastas calcárias ou caulínicas de cor esbranquiçada (White N/9.5), muito dura, homogénea e compacta, com fracturação nítida e textura esponjosa. Apresentam inclusões de pequenos elementos ferromagnésicos, raros nódulos de cerâmica moída, e elementos quartzosos.

A superfície dos recipientes foi alisada e revestida com um engobe branco transparente, muito fino, que «vitricou», sendo a decoração aplicada sobre este revestimento.

O repertório formal das olarias medievais de Saints correspondem predominantemente a pichéis altos e esguios ou jarros de vinho de corpo globular alto.

Presente neste contexto foram identificadas duas formas distintas desta produção:

O primeiro subgrupo, Saintonge manchado (Figura 4 – 15 e 17), é caracterizado pela aplicação de um vidrado bitónico, verde escuro e verde claro, aplicado em toda a superfície da peça de forma a reproduzir uma textura «mosqueada» ou manchada, mas que permite ver a cor original da pasta.

O segundo subgrupo, Saintonge policromo (Figura 4 – 16), é marcado pela aplicação de decoração delimitada a traço de manganês e preenchidas com vidrado verde ou amarelo.

As temáticas decorativas presentes correspondem a motivos fitomórficos (folhas e caules de videiras) associadas a aves em perfil, ambos delimitados por traço manganês e preenchidos por vidrado verde, associados a motivos heráldicos, delimitados a traço manganês e preenchidos com vidrado amarelo (Silva & alii, no prelo).

Estes exemplares de pichéis oriundos das olarias da região francesa de Saintonge são datados da primeira metade do século XIV (Silva, 2015, p. 178), sendo peças associadas à importação e consumo de vinho da região de Bordéus.

Grupo VI) Flandres

Outro grupo de produções norte-europeias corresponde às cerâmicas da Flandres (estampa II – 14).

Estas apresentam pastas de cor avermelhada (2.5YR 6/8), algo homogéneas, compacta, poucos elementos quartzosos e rara moscovite de muito pequena dimensão, com os elementos bem distribuídos.

O vidrado é espesso, de coloração verde, com laivos de mosqueado de verde escuro alternando com manchas claras. O interior é desprovido de vidrado, mostrando uma pasta que por vezes se apresenta com uma pátina alternada avermelhada. Uma característica dos fabricos flamengos de Bruges é a utilização de um espesso engobe branco recobrimdo o exterior da peça, antes da aplicação do vidrado verde, quiçá numa tentativa de ocultar a coloração vermelha da pasta, procurando deste modo “imitar” mais proximamente os fabricos do tipo “Francês Muito Decorado” (Verhaege, 1987, p. 207).

A temática decorativa representada caracteriza-se por motivo de “cachos de uva” e a aplicação de faixas a roletilha cobrindo a totalidade da peça. Tendo sido produzidos na cidade da Flandres entre os finais do séc. XIII e a primeira metade do séc. XIV, sendo conhecidos outros exemplares na cidade em contextos

contemporâneos da Praça da Figueira (Silva, 2015, p. 179) e Rua do Ouro (ibidem, p. 180).

Grupos VII) Fabricos hispanos

A estas produções provenientes do Norte da Europa associam-se alguns fragmentos de peças vindas de Espanha (Figura 4 – 18 e 19).

As produções valencianas, à semelhança daquelas identificadas no momento II, mostram pasta de cor laranja pálido (5YR 7/6), compacta, com muitos grãos de cerâmica moída, elementos ferromagnesianos e pequenos quartzos hialinos e leitosos.

As superfícies exteriores mostram revestimento em vidrado de estanho, espesso mas pouco brilhante, decorada em técnica de “Verde e Castanho”, com uso de óxidos de cobre e manganês, a qual enquadrámos nos meados do século XIV (Gutiérrez, 2000, pp. 30-31).

Acompanhando esta encontramos um fragmento de outra taça, revestida a esmalte de estanho e decorada com um padrão reticulado em tom de azul-cobalto. Embora a porção seja reduzida é possível associar este exemplar a produções comuns ao levante espanhol conhecidas como “Blue on White” e datáveis igualmente do século XIV (Ibidem, p. 32-33).

Grupo VIII) Produções locais

Junto com as cerâmicas de importação encontravam-se vários fragmentos de cerâmica comum (fosca) de produção local, com pastas de cor castanha-avermelhada (5YR 4/4 ou 7.5YR 8/4), granulosa e compacta, fracturação irregular, apresentando inclusões de elementos quartzos leitosos e hilianos junto com ferromagnesianos bem distribuídos.

A forma mais comum aqui identificada são os tachos (Figura 4 – 12 e 13) de base plana, de corpo troncocónico, algo convexo separado de bordo recto de lábio semicircular, por inflexão de cariz horizontal. Foram ainda identificados alguns fragmentos de frigideiras, nomeadamente as pegas de rolo com alicate cerâmico de perfil discóide.

Junto com as peças de cozinha estão algumas peças de servir à mesa (Figura 4 – 11), nomeadamente taças de perfil carenado ou hemisférico, junto com alguns fragmentos de pratos-tampa, de perfil troncocónico e fundo em pé anelar. Observa-se assim um acervo comum a uma vivência doméstica dos habitantes da Lisboa quatrocentista e quinhentista (Silva, 2015, pp. 130-135).

Grupo IX) Faunas

Nestes níveis foram ainda recolhidos inúmeros exemplares de fauna de animais vertebrados e invertebrados. O grupo melhor representado é o dos mamíferos, principalmente de vaca, mas também porcos, cabras, ovelhas, cavalos/burros e cães, embora em menor número. Foi ainda identificado um elemento de galo/galinha (Tabela 1). O conjunto dos invertebrados é dominado pelas ostras, cujo estudo se encontra em curso pela investigadora Susana Martínez. A leitura dos dados aponta para o claro domínio dos elementos de vaca, totalizando mais de 60% do total da amostra identificada. Seguem-se os ovinos/caprinos e os suínos com contributos menores (Tabela 1).

No cômputo geral, a representação anatómica aponta para a clara maioria de elementos que compõem o esqueleto axial, como costelas e vértebras de animais de grande porte, mas também uma representatividade bastante expressiva de elementos das patas, nomeadamente segmentos de ossos longos, mas também as extremidades das patas, ou seja, metápodos e falanges (Gráfico 1 e Tabelas 1 e 2). Esta representatividade revela que as colecções têm duas origens, por um lado correspondem às acumulações dos desperdícios de lixeiras domésticas, de onde provém os segmentos de costelas, vértebras e ossos longos. Por outro lado, a representatividade de segmentos de metápodos (metacarpos e metatarsos, Figura 4 – 20) e falanges, bem como a incidência de marcas de corte nesses elementos, correspondem a desperdícios de oficinas de aproveitamento de peles e ossos como matéria-prima para fabrico artesanal. Aliás, a este propósito, convém realçar o facto de, no conjunto da Rua da Prata, estarem muito melhor representadas as 1ª falanges de vaca comparativamente às restantes, o que poderá apontar para o aproveitamento das segundas falanges (e eventualmente das terceiras falanges) para uma determinada actividade artesanal (Gráfico 1 e Tabela 2).

5. INTERPRETAÇÃO DO CONTEXTO MEDIEVAL DE DESCARTE

As informações recuperadas dos níveis medievais, selados pela ocupação moderna, levantam algumas questões sobre a sua formação e o contexto de onde proveem os materiais dali recolhidos. Cronologicamente o contexto apresenta-se bem balizado, os acervos dali recolhidos integram o universo material dos

séculos XIV-XV, observando-se vários exemplos de cerâmicas de produção local e fabricos importados.

A presença de alguns destes materiais, nomeadamente as importações hispanas e norte-europeias, reflecte a larga rede de relações comerciais que o Reino de Portugal, e a cidade de Lisboa em particular, detinham com o restante continente europeu, a qual ganhou fulgor nos reinados de D. Dinis e D. Afonso IV durante o renascimento comercial europeu do século XIV. Estes contactos comerciais com o Norte da Europa, nomeadamente Inglaterra, Flandres e, em menor medida, os portos franceses da Normandia e Bordéus, asseguravam a presença de mercadores estrangeiros no porto de Lisboa procurando negociar produtos como couros, azeite, melações, vinhos, sal e produtos piscícolas, e trazendo em troca produtos têxteis e panos, especiarias, metais e armas, vinhos regionais e recipientes cerâmicos (Silva, 2012, p. 289). As relações comerciais com os restantes reinos ibéricos eram igualmente intensas, com a presença constante de mercadores galegos, castelhanos, cantábrios e catalães, nos portos portugueses, comerciando em algumas das produções locais de peixes fumados e sal, mas também como escalas no seu próprio comércio com o Mundo Atlântico (ibidem, p. 288). Bastante frequentes em contextos lisboetas trecentistas, como o NARC (Gaspar e Amaro, 1997), no Teatro Romano (Fernandes & alii., 2008) e Praça da Figueira, Praça do Município, Rua das Pedras Negras e Rua dos Correiros (Silva, 2015, pp. 178-180). A sua presença neste local evidencia as capacidades e práticas aquisitivas das comunidades locais e os seus hábitos de descarte dos recipientes após a sua eventual quebra.

Pois de facto, de um contexto de descarte se trata, e junto destas peças esteticamente apelativas e financeiramente mais caras observam-se vários recipientes de cerâmica comum, relativos a serviços de cozinha e de mesa, cujas pastas de colorações castanhas-avermelhadas (5YR 4/4 ou 7.5YR 8/4) os colocam nos fabricos das olarias locais. Acompanha-os um conjunto de fauna, principalmente de mamíferos, de espécies domésticas, relacionadas com a alimentação, cuja presença se liga com o abandono das partes não comestíveis e, por outro lado, acumulações de desperdícios de oficinas manufactureiras de aproveitamento das peles, nomeadamente de vacas, e de osso como matéria-prima.

A presença de tais elementos nestes níveis está fortemente ligada com as práticas medievais de tra-

tamento de resíduos domésticos e industriais, os quais seriam descartados predominantemente para a frente ribeirinha ou pelos “regos das imundícies”, os vestígios encanados do antigo esteiro da baixa, que terá permanecido visível até ao Reinado de D. Fernando ou D. João I (Silva, 1987, 24-25). Já muito assoreado e limitado no século XIV, na altura da produção destes contextos, estaria ainda assim activo, descendo de Arroios, passando pelas Hortas de São Domingos, entrando na Baixa pela Rua da Betesga, e descendo até ao Tejo, onde desaguava junto à ponte de Morraz (algures na actual rua Rua de São Julião) (ibidem, p. 25).

A observação das características morfológicas da sequência deposicional, tendencialmente horizontal de matriz argilo-siltosa e apresentando tonalidades entre o verde-pálido e castanho-esverdeado, demonstram-se muito similares àquelas observadas em níveis de aluvião embora aqui muito antropizados, o que denota que o seu processo de formação implicou uma exposição constante a um contexto húmido ou a uma linha de água corrente.

Tendo sido já atribuída uma proveniência aos materiais cerâmicos, quer as importações como as produções locais, carece, no entanto, de explicação a proveniência da fauna e sobretudo dos elementos que demonstram manipulação ou transformação com fins industriais. Estes proveem certamente da área envolvente, dos descartes e despejos daqueles que habitavam nas freguesias da Madalena e São Nicolau, e das várias actividades industriais que polvilhavam a Baixa durante a Idade Média.

De facto, a toponímia pré-terramoto apresenta um interessante indício da presença generalizada destas actividades por toda a Baixa com nomes como Beco dos Tanoeiros, Rua dos Curtidores, Rua da Tinturaria, dos Bolseiros, dos Sapateiros (Silva, 2012: p. 281). Muitas destas actividades correspondiam a indústrias transformadoras de produtos orgânicos, como peles, couros, cortiça ou madeira, tendo todas a necessidade de lidar com os resíduos resultantes os quais teriam de ser descartados nas imediações ou na frente ribeirinha. Existiam ainda vários Açougues (Silva, 2012, p. 281) de carne e peixe, os quais produziam igualmente grandes quantidades de resíduos associados ao desmanche das carcaças dos animais ali comerciados, principalmente, conforme os dados revelados pela escavação, bovídeos, os quais poderiam ser descartados nas tercenças, junto ao rio, ou nos canais do antigo esteiro.

Devemos ainda considerar a proximidade da Judaria Grande de Lisboa, supostamente a Sul da Igreja de São Nicolau. Este bairro, já amplamente estudado (Silva, 1900), funcionava quase como uma cidade dentro da cidade, com as suas indústrias e comércio próprio, negociando com os habitantes da restante cidade e cujos habitantes, apresentando uma capacidade aquisitiva acima da média, poderiam obter os fabricos importados identificados neste contexto

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inevitável, o processo de reconstrução pombalina marcou profundamente este edificado e os contextos arqueológicos antecedentes. O processo de reconstrução em si, já muito descrito e analisado, encontra-se aqui claramente repetido, com toda a estrutura do presente edificado assente em profundas e maciças fundações, a construção das quais afectou todos os elementos relativos a faseamentos prévios. Grande impacto tiveram também os aterros executados nesta altura, que, usando uma mistura de elementos dos edificados demolidos, terras resultantes das aberturas de novas fundações e sedimentos provenientes das imediações, procuravam resolver alguns dos problemas intrínsecos da ocupação humana da Baixa, nomeadamente as constantes inundações que derivavam da irregularidade do terreno, e da presença do antigo esteiro do Tejo que, embora encanado, continuava a desaguar as águas provenientes de Arroios e do Rossio (Silva, 1987, 28-29).

Este processo de nivelamento selou a ocupação anterior, um conjunto de estruturas construídas no século XVI, e que se caracterizam por uma longa vida útil, apenas abandonados nos meados do século XVIII. Observam-se, no entanto, evidências de dois momentos distintos de construção, caracterizados por uma complexificação e compartimentação do espaço, o que denota a contínua e mutável ocupação moderna da Baixa Lisboaeta.

Será este mesmo processo de contínua evolução da malha urbana que terá levado a selar e urbanizar o presente lote, que, até ao século XV, se apresentava livre e usado como local de descarte de lixos locais. De facto, historigraficamente este processo pode ser englobado na contínua urbanização da baixa e nas reformas impostas no reinado de D. Manuel, entre finais do XV e inícios do XVI, com o encanamento do que restava dos antigos esteiros e canais que corriam á vista aberta nas ruas de Lisboa, e o empedramento

de alguns dos arruamentos, procurando-se, assim, aumentar a higiene e salubridade da via pública.

Os contextos de descarte identificados nos níveis medievais apresentam-se como um interessante contributo para o estudo da Lisboa Medieval dos séculos XIV e XV, evidenciando não só os contactos comerciais que os seus habitantes detinham com o Mundo Atlântico e Mediterrânico, mas também contribuindo com dados para os hábitos de tratamento e descarte de lixos orgânicos derivados de indústrias ou contextos de abate e desmanche de animais, e dados particulares sobre a composição e natureza dos animais que eram trazidos para a cidade de Lisboa com vista a abastecer as necessidades dos habitantes e oficinas locais.

Em suma, a intervenção do sítio da Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correeiros 58-68 contribuiu com um conjunto de dados muito interessante sobre a evolução da ocupação humana desta área particular da cidade, desde o séc. XIV até à actualidade, permitindo uma melhor compreensão da evolução urbanística da cidade de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Luís Filipe, ALMEIDA, Isabel Moitinho, ANGELUCCI, Diego (2006) – A Encosta de Sant’Ana antes de Lisboa: uma abordagem geoarqueológica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.9, núm.2, pp. 127-156.

BUGALHÃO, Jacinta, GOMES, Sofia, SOUSA, Maria João, (2003) – Vestígios de produção oleira islâmica no núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Arqueologia Medieval*, 8, Lisboa, Edições Afrontamento, pp. 129-191.

BUGALHÃO, Jacinta; SOUSA, Maria João, GOMES, Sofia (2004) – Vestígios de produção oleira no Mandarim Chinês, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 575-643.

CARITA, Helder (1994) – Bairro Alto e a legislação urbana para Lisboa nos séculos XVI e XVII. *Lisboa Iluminista e o seu Tempo*. Lisboa: UAL.

CASIMIRO, Tânia (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16, Lisboa, pp. 351-367.

FRANÇA, José Augusto (1983) – *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação.

FERNANDES, Lídia, MARQUES, António, TORRES, Andreia (2008) – “Ocupação Baixa Medieval do Teatro Romano de Lisboa: a propósito de uma estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas”. *Arqueologia Medieval*,

1º. Porto: Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 159-183.

GASPAR, Alexandra., AMARO, Clementino (1997) – “Cerâmicas dos séculos XIII a XV de Lisboa”. *La Ceramique Medievale en Mediterranee, Actes du VI Congres de l’AIECM Aix-en-Provence 13-18 novembre 1995*. Aix-en-Provence: Éditions Narrations, pp. 337-345.

GUTIÉRREZ, Alexandra (2000) – *Mediterranean Pottery in Wessex Households (13th to 17th Centuries)*. BAR British Series 306.

MOITA, Irisalva (1994) – Lisboa no século XVI. In *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.

SEBASTIAN, Luís (2009) – *A produção oleira de faiança em Portugal*, Dissertação de Doutoramento em História com especialidade de Arqueologia, FCSH-UNL.

SILVA, Augusto Vieira da (1900) – A Judiaria Grande de Lisboa. In *O Archaeologo Português – Coleção ilustrada de materiaes e noticias*, 5:11-12, Lisboa: Museus Ethnologico Português.

SILVA, Augusto Vieira da (1987) – *A Cerca Moura de Lisboa – Estudo histórico e descritivo*, Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 3.ª ed, Lisboa: Sociedade Tipográfica S.A.

SILVA, Carlos Guardado da (2012) – *Lisboa Medieval – A organização e a estruturação do espaço urbano*, 2.ªed, Lisboa: Edições Colibri.

SILVA, Rodrigo Banha (2015) – *Lisboa 1415 Ceuta – historia de duas cidades*, Ceuta: Papel de Aguas.

SILVA, Rodrigo Banha; GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2011) – O bairro islâmico da Praça da Figueira (Lisboa). In: *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular – Encontros e Desencontros*, Lisboa: IAP – FCSH-UNL.

VICTOR, Filipe; CALADO, Marco; GUERRA, Sandra; VALONGO, António (2012) – «A importação de cerâmica no Arrabalde Ocidental de Luxbuna. Dados preliminares da intervenção realizada no Hotel de Santa Justa». In: GONÇALVES, Joana, GÓMEZ-MARTINES, Susana, (ed) *X Congresso Internacional Cerâmica Medieval no Mediterrâneo, At Silves e Mértola*, Câmara Municipal de Silves & Campo Arqueológico de Mértola, pp. 711-718.



Figura 1 – Planta da Baixa Lisboeta mostrando a implantação do sítio da Rua da Prata 221-231 e relação com traçado do esteiro na Idade Média.



Figura 2 – Implantação aproximada do sítio na Planta de Tinoco de 1650.



Figura 3 – Foto das estruturas pré-terramoto identificadas no sítio da Rua da Prata 221-231 (autoria José Pedro Machado, ERA Arqueologia, SA).

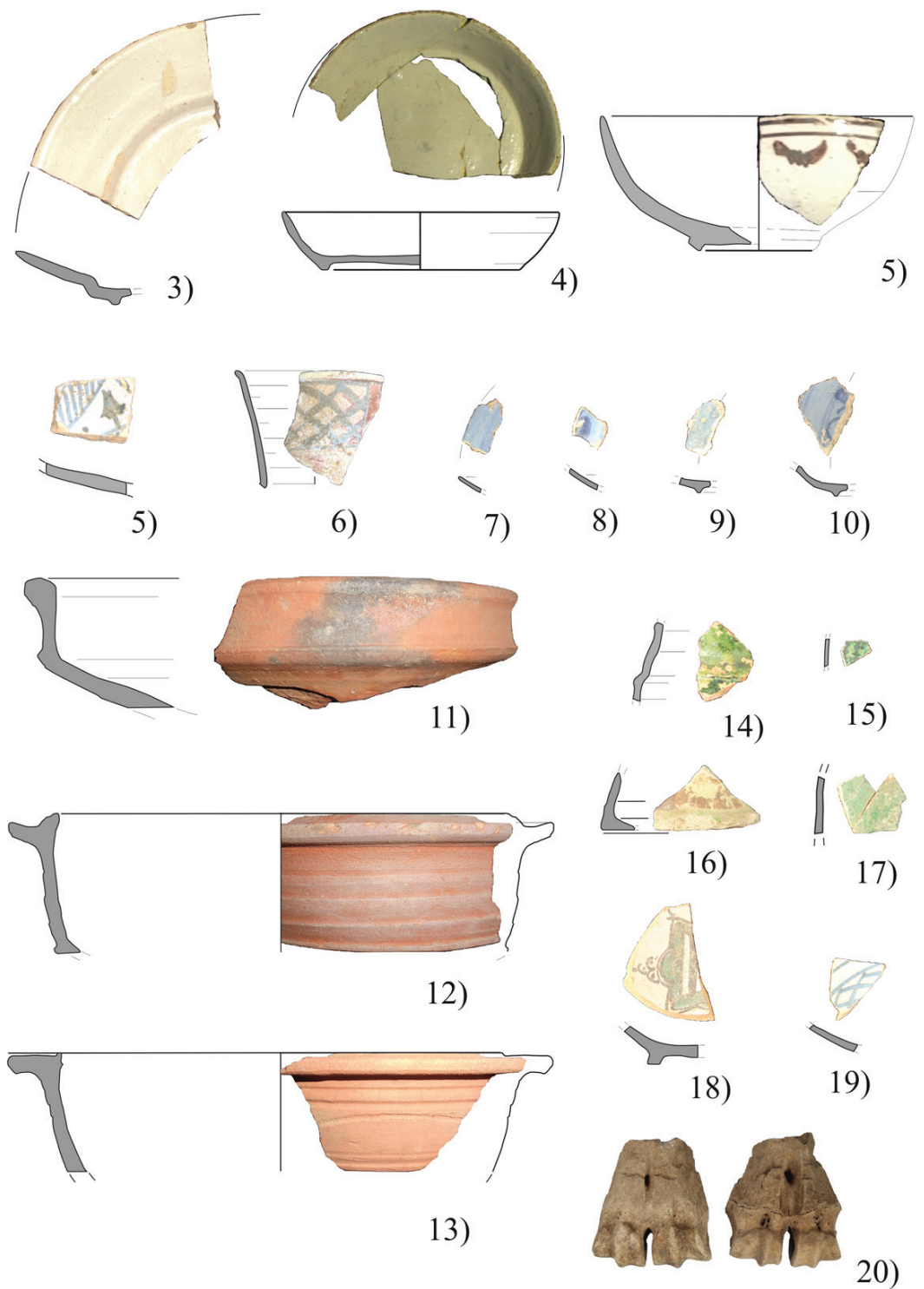


Figura 4 – Registo do corte Este, onde se observam os estratos silto-argilosos relativos à utilização medieval deste contexto.



Estampa I:

Figura 5 – 1) Planta geral da área de intervenção, mostrando as estruturas pré-terramoto; 2) Corte Sudeste, mostrando a sequência ocupacional desde o século XIV à Actualidade (autoria José Pedro Machado, ERA Arqueologia, SA).



Estampa II:



Figura 6 – 1) faiança portuguesa (1, 2) e fabrico do Juncal (3); importações hispanas esmaltadas (5, 7, 8, 9, 10); reflexos metálicos de valência (6); fabricos comuns locais (11, 12 e 13); importações norte-europeias (14, 15, 16 e 17); importações hispanas (18 e 19); metápodos de vaca com marcas de corte (20).

	Nº	% Nº	NMI
<i>Canis familiaris</i> (cão)	2	1,3	1
<i>Equus</i> sp. (cavalo/burro)	6	3,8	2
<i>Sus</i> sp. (porco/javali)	18	11,3	2
<i>Bos taurus</i> (vaca)	97	60,6	4
<i>Capra hircus</i> (cabra)	6	3,8	1
<i>Ovis aries</i> (ovelha)	5	3,1	1
<i>Ovis/Capra</i> (cabra/ovelha)	24	15,0	3
Aves	2	1,3	
Total	160	100	14

Tabela 1 – Número (Nº) total de restos faunísticos e número mínimo de indivíduos (NMI).

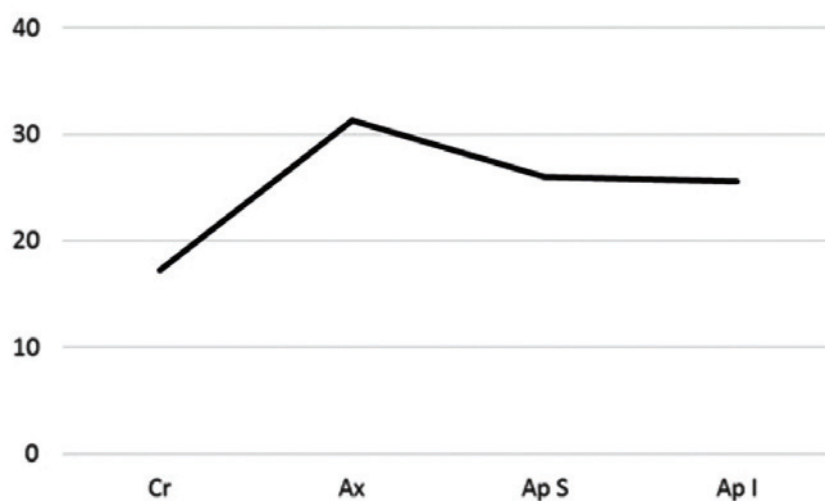


Gráfico 1 – Perfil de representação anatómica. Valores em percentagem (%). Cr – crânio; Ax – esqueleto axial; Ap S – esqueleto apendicular superior; Ap I – esqueleto apendicular inferior.

	<i>Aves</i>	<i>Canis familiaris</i>	<i>Equus sp.</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>Bos taurus</i>	<i>Ovis /Capra</i>	<i>Ovis aries</i>	<i>Capra hircus</i>
Chifres					9			5
Fragmentos crânio				1	4			
Mandíbula		1	1	6	2	3		
Dentes soltos				1				
Atlas					1	1		
Axis						3		
Escápula			2		2			
Úmero					8	1	2	
Rádio				2	6	8	1	
Ulna	1			3	1			
Rádio+ulna			1					
Carpais					1			
Metacarpo					9	1	2	1
Pelvis				3	1			
Fémur	1			1	1	2		
Tíbia				1	4	2		
Tarsais					4	1		
Metatarso					11	2		
Metapodos					2			
Falange I					22			
Falange II			1		2			
Falange III			1		7			
Total	2	1	6	18	97	24	5	6

Tabela 2 – Representação anatômica das espécies da Rua da Prata.